

CLC Formador Nuno Vidal

Pedro Pires S13

O dia em que alterei as perspectivas da minha vida

No dia seguinte a eu ter visto nevar em Lisboa, no que me parecia um belo dia de final de Janeiro de 2005, no dia mais frio de que eu tenho memória, ao acordar de manhã para ir para o trabalho, senti o que me pareceu uma normal indisposição, mas com o passar dos minutos ela foi ficando mais persistente e mais estranha.

Depois de consultar um médico e de ser tranquilizado por ele, fui para casa onde, com algum descanso e alguns medicamentos que já nem me lembro o que eram, o mal foi passando ou parecia que estaria a passar.

Mas na manhã do dia seguinte, tendo verificado que estava praticamente com os mesmos sintomas, arranquei para o hospital, pois se no dia anterior estava com o sentimento de relativizar os meus sintomas, agora começava a ficar extremamente preocupado.

No hospital, depois de passar pela triagem e de ter esperado algumas horas, fui atendido por um médico já de certa idade, e com um sotaque muito peculiar, muito pouco falador, mas que parecia saber o que estava a fazer.

Depois de ter efectuado uma simples análise ao sangue e de sublinhar um conjunto de dados nas análises, ele entregou-me um simples comprimido e, sabendo eu o que aquilo significava, o mundo pareceu-me desabar aos meus pés com a sentença: um problema no coração.

Nos dias seguintes, estando eu numa sala com mais três pacientes todos mais ou menos na mesma situação, todos com uma idade que me parecia não inferior a 50 ou 60 anos, com as máquinas a que nos estávamos ligados sempre a apitar, o mundo parecia não fazer muito sentido para mim, eu só pensava «o que raio eu estou aqui a fazer só com 36 anos?».

Mas com o passar dos dias, depois de ter sido transferido para uma sala mais normal e de deixar de estar ligado às máquinas, as minhas perspectivas para o futuro melhoraram consideravelmente. Contudo, voltei a estar numa sala em que eu era outra vez o mais novo, inclusive com um senhor que já estava internado há 4 meses e que tinha um problema muito semelhante ao meu. Fiquei mais uma vez apreensivo, especialmente porque até agora ainda não tinha conhecido o especialista que me estaria a seguir. Seria motivo de boas ou más notícias para mim?

Dois ou três dias depois, apareceu um enfermeiro com uma pergunta que achei curiosa: se o meu médico tinha falado comigo para eu participar na conferência que ia haver no hospital e que apareceu na televisão. Então pensei «conferência, que conferência? Ainda por cima eu não conhecia o médico». O enfermeiro explicou-me que ia haver uma entrevista para a televisão sobre doenças cardíacas e tabagismo. Mas eu não fumo. Descobri no dia descobri

que o visado era um doente que estava no mesmo serviço e que fumava, bebia e tinha 2 anos a menos do que eu, o que foi clinicamente bastante revigorante para mim.

Finalmente ele apareceu para me informar de que eu iria para casa no dia a seguir. Mais uma vez achei curioso o que estava a acontecer: o médico aparece só para me informar de que teria alta no dia seguinte.

Durante a minha baixa, em casa, interroguei-me muito se teria um ataque assim que me esforçasse mais, numa corrida ou num situação em que estivesse num maior stress.

Depois de sair do hospital em pleno inverno, e com a continuação do tratamento e com o aparecimento de dias com mais sol (nunca senti uma influência mais moralizadora do que nessa altura), comecei a normalizar o meu dia-a-dia, mas sempre com a consciência de que teria de ter mais cuidado com a minha alimentação e teria de tomar certos medicamentos para o resto da minha vida.

28 de Novembro de 2010